

MARIA ANTÓNIA LOPES · OFELIA REY CASTELAO · JULIANA DE MELLO MORAES
RAQUEL MARTÍNEZ PEÑÍN · ALFREDO MARTÍN GARCÍA · WILLIAM DE SOUZA
MARTINS · SOFIA FERNANDES · DUARTE NUNO CHAVES · ANTÓNIO F. DANTAS
BARBOSA · ANA PAULA ARAÚJO · MARIA MARTA LOBO DE ARAÚJO · MARIA DE FÁTIMA REIS

As Ordens Terceiras no mundo ibérico da Idade Moderna

MARIA MARTA LOBO DE ARAÚJO
(*coord.*)



BRAGA · 2019

FICHA TÉCNICA

Título	As Ordens Terceiras no mundo ibérico da Idade Moderna
Autor	Vários
Coordenação	Maria Marta Lobo de Araújo
Edição	Santa Casa da Misericórdia de Braga
Tiragem	250 exemplares
Data de saída	Novembro de 2018
Capa	Imagem da igreja da Ordem Terceira de S. Francisco de Ponte de Lima
Impressão e acabamento	Graficamares, Lda. R. Parque Industrial Monte Rabadas, 10 4720-608 Prozelos - Amares
Depósito legal	462940/19
ISBN	978-989-33-0011-4



Procissões de penitência franciscana nos séculos XVII e XVIII. Religiosidade popular em Portugal durante o Antigo Regime

DUARTE NUNO CHAVES

Bolseiro de Pós-Doutoramento do Fundo Regional de Ciência e Tecnologia do Governo Regional dos Açores.

CHAM – Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores

1. Os Terceiros Franciscanos mestres na arte processional

O presente texto, que tem por base a investigação publicada no livro *As Imagens de Vestir da Procissão dos Terceiros: Um legado franciscano em São Miguel, Açores, Séculos XVII a XXI* partilha a nossa preocupação com o estudo da orgânica protocolar das procissões de penitência franciscanas, durante o período da Idade Moderna. Aproveitamos esta oportunidade para acrescentar alguns contributos à investigação que temos vindo a realizar, nomeadamente no que diz respeito aos arquipélagos da Madeira e Açores.

A organização das procissões penitenciais, patrocinadas pela Venerável Ordem Terceira da Penitência, com origem no século XVII, no então Império Português, entre muitos outros fenómenos de piedade popular, teve a sua execução centralizada no período que decorre entre a Quaresma e a Semana Santa. Esta foi a época propícia

à concretização das várias manifestações de religiosidade que, em alguns casos, ainda apresentam uma correspondência no século XXI, através da realização de vários eventos processionais originários do período da História Moderna Portuguesa. O cerimonial usado nos cortejos penitenciais da Ordem Terceira Franciscana, do Portugal Seiscentista até ao limiar da contemporaneidade é, nos dias de hoje, apenas uma memória identitária da fé popular, que através de um conjunto de práticas simbólicas efetuava um elo condutor da práxis piedosa ao poder da redenção. A apropriação dos símbolos de santidade e a sua transposição para imaginação dos crentes, era materializada numa relação de intimidade entre o devoto e o divino, através da corporalização e teatralização da imaginária de vestir que proliferou ao longo dos séculos XVII e XVIII.

Paralelamente, e com o advento das procissões de penitência na primeira metade do século XVII, vamos encontrar uma nova forma de posicionamento da população nos cortejos religiosos. A refundação do movimento terciário franciscano em Portugal no início de Seiscentos, responsável em primeira instância pela criação da Ordem Terceira de São Francisco da Cidade, estabelecida na cidade de Lisboa em 1615, tendo como seu mais ilustre irmão o Rei D. João IV¹. A origem desta fraternidade teve como repercussão o difundir da religiosidade popular, protagonizada pelos irmãos terciários franciscanos em todo o reino português. Ao longo da primeira metade desta centúria as irmandades de penitentes foram ganhando influência social nos seus meios de origem, sendo evidente que estas organizações foram estruturando os seus cortejos penitenciais de acordo com as normas vigentes para o protocolo processional praticado pelos estatutos da Ordem Terceira. As fontes, nomeadamente os cronistas da época e os arquivos já estudados até ao momento, mencionam a existência dos cortejos de Quarta-feira

¹ Cf. Ribeiro, Bartolomeu, *Os Terceiros Franciscanos Portugueses: Sete Séculos da sua História*, Braga, Tipografia Missões Franciscanas, 1953, pp. 106-113.

de Cinzas, bem como o apoio a outras solenidades na altura da Semana Santa.

Frei Luís de São Francisco na sua obra *Livro em que se contém tudo o que toca à origem, regra, estatutos, cerimónias, privilégios e progressos da sagrada Ordem Terceira da Penitência de N. Seráfico P. S. Francisco* a propósito dos Irmãos Terceiros da fraternidade de S. Francisco da Cidade, descreve a dedicação e o rigor dos rituais de flagelação e açoitamentos coletivos praticados pela componente masculina da estrutura terciária, nos locais de culto da Ordem na segunda metade do século XVII. É ainda de salientar a participação nas solenidades da Quarta-feira de Cinzas e outras comemorações alusivas à época². Pelas descrições efetuadas pelo autor é evidenciado o papel acessório desempenhado pelas irmãs terciárias que praticavam os atos de penitência.

O Officio de Vigario do Culto Divino he de muito trabalho, porque o seu cargo tem toda a fabrica da Capella, cera, & todas as mais cousas, que tocaõ ao Culto Divino. E preparará tudo o necessario para a Procissam da Cinza, que geralmente se costuma fazer em todas as partes principaes destes Reynos de Portugal, com tão grande edificaçam dos povos [...]³.

Será no intervalo que abarca o reinado de D. João V (1707-1750), que vamos encontrar elementos que nos possibilitam um maior entendimento da forma como se processava todo o cerimonial que presidia à preparação dos cortejos penitenciais da Quarta-feira de Cinzas. Apesar do sentido ficcional, mas enquadrando a ação com a realidade histórica da época, a obra de José Saramago “Memorial do Convento” expõe uma narrativa que, para além de relatar a vida na corte de D. João V, nos apresenta uma descrição crítica dos rituais de algumas procissões que se realizavam em Lisboa, particularmente na

² Cf. São Francisco Luís de, *Livro em que se contém tudo o que toca à origem, regra, estatutos, cerimónias, privilégios e progressos da Sagrada Ordem Terceira da Penitência*, Lisboa, na oficina de Miguel Deslandes, 1684.

³ *Ibidem*.

altura da Quaresma: o cortejo de penitência e as cerimónias públicas dos autos de fé, bem como a procissão do Corpo de Deus, no mês de junho. Saramago aproveita para comentar os costumes da época e os seus cerimoniais, usando alguma ironia no modo como retrata o sofrimento dos penitentes.

Vai sair a procissão de penitência. Castigámos a carne pelo jejum, maceramo-la agora pelo açoite. Agora é tempo de pagar os cometidos excessos, mortificar a alma para que o corpo finja arrepende-se, ele rebelde, ele insurreto. [...] Os penitentes, homens todos, vão à cabeça da procissão, logo atrás dos frades [...] seguinte a eles aparece o bispo debaixo do pálio rico, e depois as imagens nos andores, o regimento interminável de padres, confrarias e irmandades [...] Passa a procissão entre filas de povo, e quando passas rojam-se pelo chão homens e mulheres, arranham a cara uns, arripelam-se outros, dão-se bofetões [...] Os penitentes vão de grilhões enrolados às pernas, ou suportam sobre os ombros grossos barras de ferro, passando por cima delas os braços como crucificados, ou disferem para as costas chicotadas com as disciplinas [...]⁴.

A ação ficcionada no livro *Memorial do Convento* sucede entre os anos de 1711-1739, tempo que decorre aproximadamente em paralelo à fase de edificação do Convento de Mafra (com início das obras em 1717 e cerimónia de consagração em 22 de outubro de 1730), obra fruto da vontade real, que assiste, em setembro de 1736, à criação de uma fraternidade da Venerável Ordem Terceira de Penitência. Esta fraternidade segue a tradição régia de patronear os irmãos penitentes, iniciada com D. João IV, e que é estabelecida debaixo da proteção Real, na Basílica de Nossa Senhora e Santo António. A documentação de arquivo desta fraternidade permite-nos atestar as descrições da obra de Saramago a propósito da procissão dos penitentes, realizada em Lisboa, quer a nível da precedência dos diversos atores durante o cortejo, secundados pela imensa panóplia de

⁴ Cf. Saramago, José, *Memorial do Convento*, 22.^a ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1994, pp. 24-25.

andores, quer ainda pelo papel secundário das mulheres, que através da leitura do “Livro de Acórdãos” não teriam uma participação efetiva no cortejo penitencial. Será ainda de destacar a simbologia de flagelação imposta por utensílios como a cruz, a coroa de espinhos, as disciplinas e o cilício, bem como o uso de grilhões nos pés, acentuando a encenação teatral patenteada ao longo do cortejo.

Aos sete dias do mês de Fevereiro de 1740, convocou o nosso Padre Comissário, frei Matias da Conceição, os Irmãos de Mesa na nossa Casa do Despacho e, depois de uma larga prática em que lhes expôs o estado da Ordem e a necessidade que esta tinha de fazer a sua Procissão de Penitência, tanto para o seu estabelecimento, como por se achar a Ordem no quarto ano da sua erecção, convieram os Irmãos em que se entrasse a fazer a Procissão [...] e logo pela mesma junta se deputou o Irmão Procurador-Geral, o Sargento-mor Máximo de Carvalho Viegas, e o Secretário José Rodrigues, Mestre carpinteiro desta Real obra, para que fossem à Corte, e ali falassem com o Doutor João Pedro Ludovici, Cavaleiro professo na Ordem de Cristo, filho do Arquitecto deste Real obra, e Criado Particular de Sua Majestade, para que este soubesse se seria do Real agrado fazer-se a Procissão, e que com o parecer do dito João Pedro Ludovici entrassem na empresa de mandar fazer os quatorze santos dez andores com suas sanefas, e tudo o mais que fosse necessário para a dita Procissão⁵.

Para se dar princípio à nossa Procissão de Penitência, depois da Mesa tomar a sua resolução neste particular como consta do termo antecedente, foi o nosso Padre Comissário falar em audiência particular a Sua Majestade, de quem recebeu com muito agrado, estimar o mesmo Senhor fizessem os Irmãos a Procissão com muita decência e, dizendo-lhe o dito Padre que a Sacristia do Convento não tinha Santo Lenho, Pálio nem todas as Capas para os que levassem as varas do Pálio, respondeu o mesmo Senhor se

⁵ Cf. Arquivo da Ordem Terceira de Mafra (doravante AOTM), *Livro de Acórdãos desta Venerável Ordem Terceira e também das Eleições dos membros desta Irmandade*, 17 de setembro de 1736, Caixa IPR 2, Livro 6, fls. 31-32.

daria provimento a tudo isso, o que com efeito mandou prover, e falando os dois Deputados e o Padre Comissário com o Doutor João Pedro Ludovici, criado particular, mandou este chamar Manuel Dias o mais singular escultor, e com ele se ajuntou fazer as quatorze Imagens, das quais deu onze para a função, e S. Roque S. Margarida e S. Rosa se pediram emprestados para esta Procissão, por se não poderem vencer, as quais deu depois, e se lhe satisfizeram, e António Rodrigues de Lião, ourives da prata, para fazer a figura do Sol, letreiros, coroas e ceptros de latão dourado, por ser este um dos melhores ourives da prata⁶.

Estamos em crer que cada fraternidade teria as suas preferências quanto às celebrações a cumprir no calendário litúrgico, acontecendo que a procissão de penitência não teria que se efetuar obrigatoriamente na Quarta-feira de Cinzas, como atesta a forma como se efetuou a primeira procissão penitencial em Mafra, realizada no 4.º Domingo da Quaresma. As formalidades seguidas pelo mestre-de-cerimónias da fraternidade de Mafra observavam um cerimonial processional de acordo com os cânones instituídos nos estatutos da Ordem. É de evidenciar em todo este processo a importância da mais antiga fraternidade portuguesa, que seria o modelo a seguir pelos Terceiros mafrenses: “[...] como se pratica em S. Francisco da Cidade de Lisboa”⁷.

Tendo-se preparado tudo para fazer a Procissão e armados os andores com os santos na sala do primeiro plano do Palácio na parte do sul, no Domingo que se contavam 27 do mês de Março do ano de 1740, às nove horas e meia da manhã, foi o Padre Guardião deste Real Convento, frei Manuel da Cruz, com o Padre Mestre de Cerimónias, frei João de São José do Prado, benzer os santos, e a cruz da Penitência, com a bênção privada, e ao meio dia foram conduzidos os andores para a Igreja, pelos nossos Irmãos, pondo-se o maior junto do ângulo entre o Coro e a Capela da Conceição, sobre dois bancos, e dois de fora em que se assentaram quatro Irmãos para

⁶ *Ibidem*, fl. 33.

⁷ *Ibidem*, fl. 38.

defenderem o povo a bulir no andor, arrumando ali no canto quatro lanternas e a cruz, e dentro da nossa Capela, se puseram os três andores (à margem: estavam também ali arrumadas duas lanternas para o andor do Salvador do Mundo) do Salvador recebendo as moedas de Nosso Padre e o do Papa dando a Regra a Nosso Padre e o de Santa Isabel Rainha de Portugal nossa protectora, e na Capela dos Santos Bispos o de Nosso Padre dando a Regra a S. Lúcio e Santa Bona, o de S. Ivo, e o de S. Luís Rei de França, e na Capela do Santo Cristo estavam o de S. Roque, o de Santa Margarida de Cortona, o de Santa Rosa de Viterbo [...] ⁸.

Estando tudo assim preparado, se tangeu a vésperas pela uma hora e meia depois do meio-dia, seguindo-se logo Completas e, às três horas e quarenta minutos, principiou a sair a Procissão a qual tinha disposto o Irmão Secretário, principiou esta com três Irmãos dos mais autorizados levando o do meio o bastão de Procurador, e os dois bastões de governo, seguiam os três Anjos, entre dois Irmãos, levando o do meio o Sol, e os dos lados suas velas, e logo atrás destes a nossa cruz da Penitência, ia esta levada por um Irmão com sua bolsa, e dois Irmãos aos lados, também com suas bolsas, para mudarem, e aos lados destes iam dois com suas lanternas, levando a Cruz quatro cordões presos nos braços que lhe serviam de guias, levados por dois Irmãos atrás e dois diante, seguiam-se os quatro Irmãos de Penitência vestidos de cilício descalços, com suas barbas e cabeleiras, levando cada um dois Irmãos aos lados, e o primeiro levava um prato com uma cruz, coroa de espinhos, disciplinas e cilício, com grilhões nos pés, Coroa de corda, e com uma cingido [...] e logo o primeiro andor com o Salvador do Mundo, e Nosso Padre dando-lhe as três moedas, e aos lados iam dois Irmãos com duas lanternas, seguia o andor do Papa dando a Regra a Nosso Padre e o terceiro de Nosso Padre dando a Regra a S. Lúcio, e Santa Bona, o quarto Santa Margarida de Cortona o quinto S. Roque o sexto S. Rosa de Viterbo o sétimo S. Ivo, o oitavo S. Luís Rei de França, o nono S. Isabel Rainha de Portugal, nossa protectora, e o décimo Nosso Padre recebendo as Chagas [...] ⁹.

⁸ *Ibidem*, fl. 36.

⁹ *Ibidem*.

Banda diante de cada andor, e um com bastão de governo, os quais bastões levaram os Irmãos mais graves da Ordem, e na dita forma saiu a Procissão às três horas e quarenta minutos e se recolheu às cinco e três quartos, indo voltar ao Hospício, à porta do boticário sem entrar na Vila, veio pela Rua Direita acima, tendo sempre tangido um sino, ao sair o terceiro, e chegando o Pálio ao meio da praça, mudou ao quarto, e depois ao chamado da Graça. até a Procissão chegar outra vez à Praça para se recolher com o mesmo com que tinha saído, e estas mudanças foi por não quebrar um sino se tangesse sempre, e ao meio dia tinha tangido o mesmo terceiro sino ao Sermão, por maior solenidade, e como o nosso Padre Comissário estava enfermo não pregou, e satisfez o Padre Pregador das tardes com o seu Sermão que fez depois de recolhida a Procissão, tendo para este efeito sido deprecado pelo Irmão e Procurador-Geral e Secretário, em certeza do que fiz este termo que assinei. Mafra, 20 de Abril de 1740. José Rodrigues, Secretário¹⁰.

Assim como a informação existente em Mafra, acreditamos que subsiste um manancial de conhecimento remanescente destas manifestações ao longo do atual território português continental, carecendo esta situação de outros trabalhos de investigação de modo a completar um *corpus* historiográfico, que possibilite uma melhor compreensão deste fenómeno. Reforçando esta teoria está a investigação realizada pelo padre Bartolomeu Ribeiro junto dos arquivos de várias fraternidades, ainda restantes dos séculos XVII e XVIII, que atesta a existência regular de diversas procissões de penitência que floresceram especialmente a partir da segunda metade de Seiscentos, sendo de destacar os casos de Braga, Porto e Ovar entre muitos outros casos¹¹.

Atestando esta realidade, está o trabalho de Sofia Vechina, onde podemos constatar que os irmãos da Venerável Ordem Terceira

¹⁰ *Ibidem*, fls. 38-39.

¹¹ *Vd.* Ribeiro, Bartolomeu, *Os Terceiros Franciscanos Portugueses: Sete Séculos da sua História...*, pp. 106-113.

de Ovar realizavam a sua procissão da Quaresma no ano de 1663 e, segundo os seus estatutos de 1672, a procissão obedecia a um protocolo de precedência no que toca às suas imagens processionais, compostas nessa época por vinte e quatro andores¹². O mesmo número de andores possuía a procissão dos Terceiros da cidade do Porto em 1751, estando o início da realização deste evento, apontado por R. Pinto de Mattos, para três anos após a fundação desta fraternidade “[...] mas só em 1699 saiu pela primeira vez com grande edificação [...]”¹³.

Figura 1 – Procissão dos Terceiros de Mafra



Foto propriedade da Real e Venerável Irmandade do Santíssimo Sacramento de Mafra.

¹² Cf. Vechina, Sofia, “Ordem Terceira de São Francisco de Ovar: Procissão das Cinzas. Uma Procissão com Três Séculos”, in Ferreira-Alves, Natália Marinho (coord.), *Os Franciscanos no Mundo Português. III – O Legado Franciscano*, Porto, CEPESSE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, 2013, pp. 919-942.

¹³ Cf. Mattos, R. Pinto de, *Memória Histórica da Ordem Terceira de S. Francisco no Porto*, Porto, Livraria Portuense de Manuel Malheiro, 1880, pp. 28-29.

2. A piedade popular no “mundo insular e atlântico português”

Numa época em que celebramos os 600 anos do descobrimento/ocupação do arquipélago da Madeira pelos portugueses e quando nos aproximamos a passos largos da mesma efeméride nas ilhas dos Açores, apraz-nos trazer à leitura dos interessados em assuntos franciscanos, a importância que a Ordem Terceira da Penitência manteve junto dos portugueses insulares durante o período da Idade Moderna.

Em relação ao arquipélago da Madeira pouco se sabe sobre a implantação dos terciários nestas ilhas e a proliferação dos cortejos de penitência no período da Quaresma. Os estudos mais recentes dão-nos como facto consumado a existência da procissão dos Terceiros na cidade do Funchal. A transposição desta tradição na Madeira durante a Idade Moderna terá sido amplamente difundida pelos frades menores, já que a sua presença na assistência religiosa nesta região, confunde-se com o próprio processo de povoamento da ilha, iniciado por João Gonçalves Zarco. Muito provavelmente o convento de S. Francisco, na cidade do Funchal, funcionou como um elemento difusor da dinâmica terciária junto dos restantes ermitérios da ilha.

A atividade evangelizadora dos terceiros ter-se-á mantido profícua ao longo dos séculos XVII e XVIII, mas a escassez de fontes e de estudos de referência sobre as procissões penitenciais não nos permitem traçar um percurso concreto dos acervos processionais existentes na ilha até ao início do século XIX. No *Elucidário Madeirense* é referido que a última procissão de penitência na cidade do Funchal ter-se-á realizado por volta da década de 1870, na freguesia do Monte. Em relação a este fenómeno, apenas podemos voltar a mencionar a nossa anterior investigação¹⁴, realizada

¹⁴ Cf. Chaves, Duarte Nuno, *As Imagens de Vestir da Procissão dos Terceiros: Um legado franciscano em S. Miguel, Açores, Séculos XVII a XXI*, Ribeira Grande, Museu Vivo do Franciscanismo, 2018.

em 2012-2016, e que atesta e compara um conjunto de imagens de vestir, presumivelmente dos séculos XVII e XVIII, e as fichas de inventário do próprio museu. Segundo os registos de inventário, encontravam-se denominadas quatro destas imagens: *Nossa Senhora das Dores*¹⁵, habitual representação mariana nos acervos terciários; *Santa Delfina*¹⁶, santa do programa hagiológico da Ordem Terceira; *Henrique Rei da Dácia*¹⁷, igualmente um santo franciscano secular e a figuração de um santo negro, que se encontra intitulado no registo como São Benedito¹⁸, o que nos parece corresponder à realidade, pois este foi um frade franciscano santificado em 1807¹⁹. No que concerne a outras imagens, podemos destacar duas referenciadas como *Virgens do Presépio*²⁰, e uma terceira intitulada de *São José*²¹. As restantes figurações encontravam-se sem vestes, adereços ou atributos e evidenciavam, pela avaliação às suas tipologias físicas, corresponder aos seguintes quadros processionais: entrega da Regra pelo Papa, composto por duas imagens, Papa Inocêncio III e S. Francisco de Assis²², e a representação de S. Roque²³.

Ainda na ilha da Madeira e fruto de investigação que temos vindo a realizar, sinalizámos uma procissão remanescente do século XVIII e que ainda se executa com carácter de permanência. Falamos da realização da procissão das Cinzas, concretizada pela fraternidade de seculares franciscanos subordinados do antigo convento com o

¹⁵ Cf. Museu de Arte Sacra do Funchal (doravante MASF), n.º de Inv. JC 26, n.º Cad. 411.

¹⁶ Cf. MASF n.º de Inv. JC 08, n.º Cad. 392.

¹⁷ Cf. MASF, n.º de Inv. JC 07, n.º Cad. 391.

¹⁸ Cf. MASF, n.º de Inv. JC 09, n.º Cad. 393.

¹⁹ Vd. Attwater, Donald, *Dicionário de Santos*, Lisboa, Edições Europa-América, 2000, p. 69.

²⁰ Cf. MASF, n.º de Inv. JC 06, n.º Cad. 390; MASF, n.º de Inv. JC 30, n.º Cad. s. número.

²¹ Cf. MASF, n.º de Inv. JC 31, n.º Cad. s. número.

²² Cf. MASF, n.º de Inv. JC 03, n.º Cad. 387; MASF, n.º de Inv. JC 18, n.º Cad. 403.

²³ Cf. MASF, n.º de Inv. JC 19, n.º Cad. 404.

Figura 2 – As imagens da procissão das Cinzas da paróquia de Santa Cecília, Câmara de Lobos, Madeira



Fotografia de Rui Camacho, 2018.

oráculo a S. Bernardino, em Câmara de Lobos. Esta procissão de origem seráfica é a última a efetuar-se no arquipélago da Madeira, em pleno século XXI²⁴. Este préstimo processional apresenta uma característica única, relacionada com o facto de as imagens manterem-se propriedade de várias famílias desta localidade por mais de cinco gerações. Embora sendo difícil traçarmos um perfil historiográfico deste evento processional, para o período pós extinção das Ordens Religiosas Regulares, podemos afirmar, baseados num critério de história comparada, e na narração do padre Eduardo Pereira, que assegura o dia 18 de junho de 1837, como data em que algumas das imagens da procissão foram levadas para a matriz da vila e outras para a residência de algumas famílias.

²⁴ Cf. Chaves, Duarte Nuno *et al.*, “A procissão das cinzas em S. Bernardino: Um reflexo do processo de evangelização franciscana na Madeira”, in Chaves, Duarte Nuno (coord.), *Memória e Identidade Insular: Religiosidade, Festividades, e Turismo nos Arquipélagos da Madeira e Açores*, Velas, São Jorge, CHAM-Centro de Humanidades, 2019, pp. 263-273.

Este acontecimento transporta-nos para um fenómeno singular, em que fruto da laicização da sociedade, esta procissão ganha uma nova dimensão antropológica, visível na apropriação das imagens de vestir por parte da comunidade de crentes²⁵.

Em relação aos Açores não nos vamos alongar com grandes reflexões, visto esta temática estar expressa na investigação que temos vindo a realizar nos últimos anos, e editada em anteriores publicações. Os Açores mantiveram uma posição de vanguarda no ressurgimento do movimento penitente em Portugal, com a instituição das suas primeiras fraternidades em Vila do Porto, ilha de Santa Maria, presumivelmente antes de 1620, e nas cidades de Ponta Delgada, ilha de São Miguel e Angra, ilha Terceira, no intervalo de 1623 a 1625. No dia 16 de maio de 1624, a população de Ponta Delgada, saiu à rua para assistir às cerimónias de tomada de hábito dos primeiros irmãos da Ordem Terceira da Penitência, tendo o cortejo percorrido algumas ruas desta cidade em procissão²⁶. Este evento representa a primeira procissão de penitência da Ordem Terceira em São Miguel, sendo que, por uma questão de princípio, somos levados a considerar que a fraternidade sediada nos terrenos anexos no convento franciscano de Ponta Delgada possa ter organizado manifestações de piedade popular, com carácter de permanência, logo a seguir à data da sua fundação.

Ao longo dos séculos XVII e XVIII a procissões de penitência dos irmãos seculares franciscanos, estenderam-se à generalidade do arquipélago, sendo a única exceção a ilha do Corvo. Sinalizámos, até às primeiras décadas do século XIX, mais de três dezenas de cortejos processionais da Venerável Ordem Terceira da Penitência nestas ilhas²⁷.

²⁵ Cf. *Ibidem*.

²⁶ Cf. Arquivo Paroquial de São José (doravante APSJ), *Livro de Procissões da Venerável Ordem Terceira da Penitência de Ponta Delgada*, com auto de abertura de 1624, fl. 3.

²⁷ Vd. Chaves, Duarte Nuno, *As Imagens de Vestir da Procissão dos Terceiros: Um legado franciscano em S. Miguel, Açores, Séculos XVII a XXI...*

Figura 3 – Última procissão dos Terceiros realizada na vila das Velas em 1903



Fotografia da coleção do coronel Afonso Chaves atualmente no acervo do Museu Carlos Machado, original de 1903.

3. As imagens processionais no processo de evangelização do Brasil

Por fim e no que diz respeito ao Portugal Colonial, para além do Brasil, pouco se sabe acerca das procissões de penitência nos séculos XVII e XVIII. Esta temática tem merecido uma profícua investigação por parte de investigadores portugueses e brasileiros. Para a historiadora Juliana de Mello Moraes, que se tem dedicado ao estudo comparativo das ordens terceiras de Braga e S. Paulo nos séculos XVII e XVIII, o movimento de seculares franciscanos funcionou como elemento de inserção social junto das migrações portuguesas nas diferentes localidades do império marítimo, ao possibilitar que elementos de diferentes condições sociais e profissionais conseguissem a obtenção de patentes fundamentais para garantir a sua inclusão nas corporações sociais, nomeadamente no Brasil²⁸. No seguimento da política de expansão portuguesa da época

²⁸ Cf. Moraes, Juliana de Mello, “Da qualidade de irmãos terceiros franciscanos: formas de inserção e afirmação social das elites locais nas suas margens do Atlântico, século XVIII”, in *O espaço atlântico de Antigo Regime: poderes e sociedades*, Lisboa, FCSH-UNL. URL, 2005. http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/comunicacoes/juliana_mello_moraes.pdf 2005: 10-18.

moderna, os Terceiros vão chegar à América portuguesa: Rio de Janeiro (1619); Bahia (1635); Santos (1641) e São Paulo (1646)²⁹.

Da vasta informação que nos chega deste território, sabemos que a década de 1640 marca a introdução da procissão de penitência da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Congregação da Bahia, o mesmo acontecendo por volta de 1687 com a fraternidade Ordem Terceira da Penitência de São Francisco das Chagas de São Paulo. No Rio de Janeiro a década de 1650 marca o início da celebração da procissão da Quarta-feira de Cinzas e, segundo Nancy Rabelo, o cortejo penitencial foi composto por vinte andores até 1758, altura em que devido a uma forte tempestade foram destruídos alguns objetos deste cortejo, o que levou à reorganização do protocolo processional em 1850, saindo o séquito em doze andores³⁰.

Em época do Concílio de Trento e devido à confirmação do culto às imagens, deparamo-nos com uma multiplicidade da aplicação de imaginária de vulto nas principais manifestações religiosas em todo o território brasileiro. Sobre esta temática Maria Helena Flexor, no seu artigo “Imagens de roca e de vestir na Bahia”, menciona o facto de a imaginária processional estar presente em todos os espaços religiosos e nas manifestações públicas e coletivas de religiosidade. Para esta investigadora brasileira, e analisando o caso da Bahia no século XVIII, as ruas e praças passam a ser o local ideal para evangelizar as populações, tendo como suporte o uso das imagens de vestir³¹.

²⁹ Cf. Moraes, Juliana de Mello, *Da qualidade dos irmãos terceiros franciscanos: formas de inserção e afirmação social das elites locais nas duas margens do Atlântico, século XVIII*. Universidade do Minho, s.d., URL: http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/comunicacoes/juliana_mello_moraes.pdf: 3-4.

³⁰ Cf. Rabelo, Nancy Regina Mathias, “Santos de vestir da Procissão das Cinzas do Rio de Janeiro – fisionomias da fé”, in *19&20, Rio de Janeiro*, v. IV, n. 1, 2009. Disponível online, consulta em 12/10714: http://www.dezenovevinte.net/obras/imagens_nancy.htm 2009.

³¹ Vd. Flexor, Maria Helena Ochi, “Imagens de Roca e Vestir na Baía”, in *Revista Ohun, Revista Electrónica do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA*, 2005, p. 165.

O grande número de imagens e andores que compunham estes cortejos obrigavam a um enorme esforço financeiro por parte das fraternidades de irmãos Terceiros. Estes gastos são descritos por Regina Quites a propósito da variada documentação oriunda da Idade Moderna referente a algumas destas manifestações em Terra de Vera Cruz, onde são nomeados os avultados investimentos na aquisição e manutenção de imagens, bem como na compra de ornamentos para os andores e retábulos das igrejas que serviam para abrilhantar as procissões³². Em modo de conclusão será de mencionar que, assim como em Portugal, também no Brasil estes fenómenos penitenciais vão entrar em decadência e subsequente extinção ao longo do Século XIX e início da centúria seguinte.

Figura 4 – A Casa dos Santos
na Igreja da Ordem Terceira Secular de S. Francisco da Bahia



Fotografia de Margarida Lalanda, 2014.

³² Cf. Quites Maria Regina Emery, *Imagens de Vestir: revisão de conceitos através de estudo comparativo entre as Ordens Terceiras Franciscanas no Brasil*, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2006, pp. 184-192. Tese de Doutoramento policopiada.